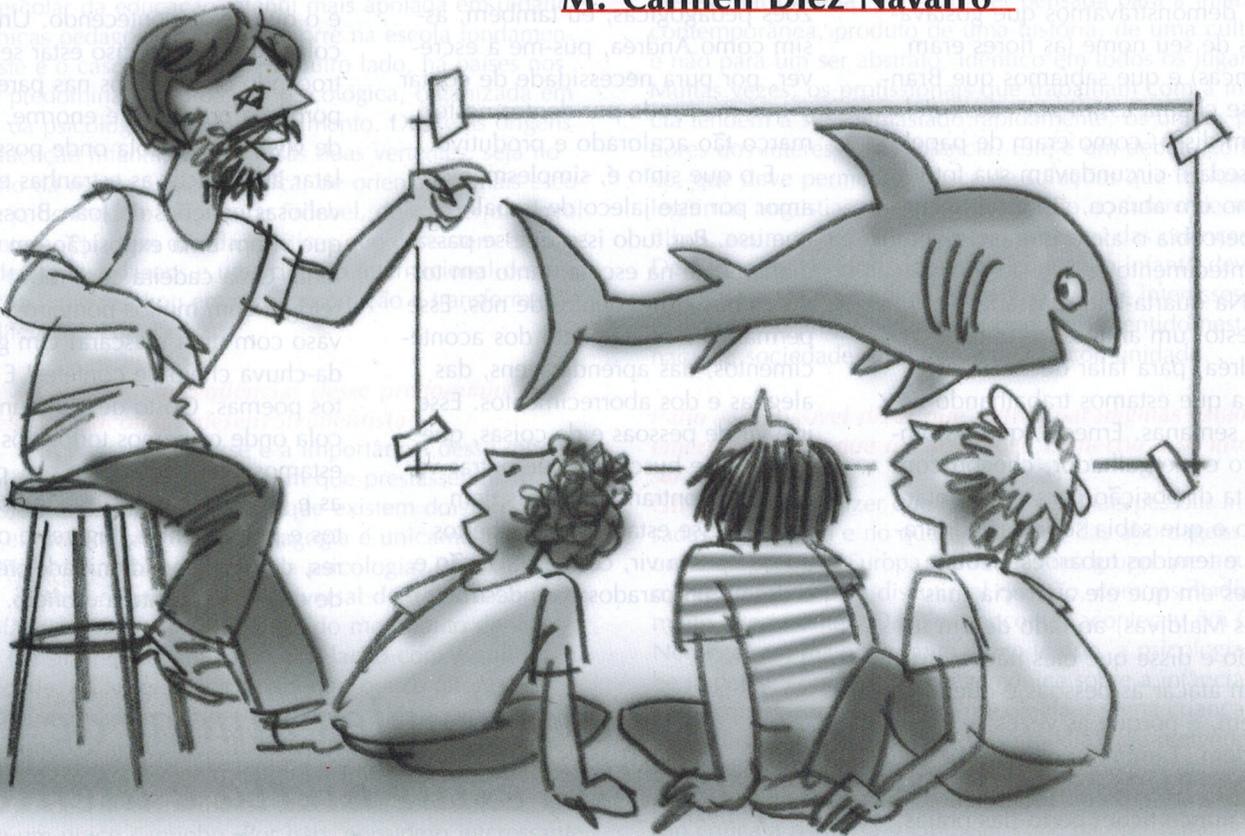


Ajude-me a olhar

Perspectiva

M. Carmen Díez Navarro



Diante das coisas novas, das descobertas que fazem, parece que as crianças são invadidas por uma espécie de “excesso de emoção” e pedem aos adultos um pouco de “ajuda para olhar”: companhia, apoio, palavras. Nós, professores, também necessitamos que as crianças nos auxiliem a olhar suas coisas para, assim, poder entendê-las.

A bisavó de Branca completou 100 anos esta semana, a cinco dias da celebração do décimo sétimo aniversário do Dia dos Avós na escola. Nós a presentearmos com 100 flores brancas e “um montão” de bons desejos. Como há 24 crianças na classe e comigo somos 25 pessoas, estabelecemos quatro por pessoa. Conta redonda! Cada um presenteava com quatro flores que significavam seus quatro anos... Foi um presente bastante simbólico. Por um lado, desejávamos a ela muitos anos pela frente e, por outro, demonstrávamos que gostávamos de seu nome (as flores eram brancas) e que sabíamos que Branca se chama assim *por causa dela*. Além disso, como eram de papel de seda e circundavam sua foto como um abraço, até visualmente se percebia o afeto que envolveu o acontecimento.

Na quarta-feira passada, veio Ernesto, um amigo dos pais de Andréa, para falar de tubarões, tema que estamos trabalhando há três semanas. Ernesto, que é bombeiro e mergulhador, chegou com muita disposição para nos contar tudo o que sabia sobre os admirados e temidos tubarões. Trouxe slides em que ele aparecia, nas Ilhas Maldivas, ao lado de um tubarão e disse que eles não costumam atacar as pessoas e que, se o fazem, é porque às vezes se confundem. Também nos revelou que existem tubarões em Alicante, mas que nunca ficam perto das praias. Depois nos explicou como eles comem, respiram, caçam, dormem, como têm filhos e até “como fazem amor”. A primeira pergunta que as crianças fizeram foi: “Por que você sabe tanto sobre os tubarões?”. Quando foi embora, Marina comentou com ar desenvolto: “Ele é bem bonito, não acham?”.

Anteontem, fizemos uma excursão ao Safári de Elche. Além de ter sido um passeio maravilhoso, ocorreu todo tipo de coisas: os óculos de sol de Sofia caíram na piscina dos crocodilos, Javi ficou aborrecido porque o repreendi por ter atirado uma

pedrinha em um cisne, Lúcia encontrou uma pena de “papagaio da Colômbia” (país onde Lourdes nasceu), Tono se assustava a cada momento. Segundo ele, porque “alguns filhos nascem de pais *medrosos assim*”. De volta à escola, Alba disse com um suspiro: “Estou tão contente que tenho vontade de chorar!”. E, ao chegar em casa, Andréa ditou à sua mãe um conto de quatro páginas, que na verdade era uma crônica completíssima de nossa excursão.

Por tudo isso que vai acontecendo, e sem pausas reflexivas nem razões pedagógicas, eu também, assim como Andréa, pus-me a escrever, por pura necessidade de contar o que me ronda por dentro neste março tão acalorado e produtivo.

E o que sinto é, simplesmente, amor por este jaleco de trabalho que uso. Por tudo isso que se passa diariamente na escola, tanto em torno de nós como dentro de nós. Esse permanente cruzamento dos acontecimentos, das aprendizagens, das alegrias e dos aborrecimentos. Esse ir e vir de pessoas e de coisas, que às vezes se buscam e que outras vezes se encontram sem mais nem menos. Esse estar juntos e abertos ao que possa vir, com a sensação e o desejo preparados para desfrutar e

apreender da realidade aquilo que se vai interpondo.

Gosto de viver uma escola onde posso falar e ouvir. Onde posso pintar, dançar, pensar e olhar. Onde tanto posso alegrar-me com o progresso de uma criança quanto entristecer-me por não saber chegar até ela. Onde posso dizer que não sei como fazer uma tarefa, com a segurança de que haverá quem se coloque ao meu lado para acompanhar-me na busca de uma solução.

Gosto de viver uma escola onde não dou conta de anotar o que ouço e o que vejo acontecendo. Uma escola em que é preciso estar sempre trocando os trabalhos nas paredes, porque a produção é enorme. Gosto de viver uma escola onde posso relatar às crianças as estranhas e valiosas criações de Joan Brossa, que vi em uma exposição em Barcelona. Uma cadeira com rabo! Um relógio com muitos ponteiros! Um vaso com uma máscara! Um guarda-chuva cheio de confetes! E muitos poemas. Gosto de viver uma escola onde caibamos todos nós que estamos envolvidos com ela, pessoas e grupos, internos e externos, afetos e pensamentos, lugares e olhares, cultura e cotidianidade, realidade e sonho, aventura e ofício.

Não é simples mudar de posição, estar alerta e atento para captar o saber das crianças



Eduardo Galeano conta a seguinte história:

“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakdlhoff, levou-o para descobri-lo.

Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava além das altas dunas, esperando.

Quando o menino e seu pai chegaram finalmente àqueles cumes de areia, depois de muito caminhar, o mar saltou diante de seus olhos. E era tamanha a imensidade do mar, e tamanho seu brilho, que o menino ficou mudo de encantamento.

E quando por fim conseguiu falar, trêmulo, gaguejando, pediu a seu pai:

– Ajude-me a olhar!”

Tenho a sensação de que é algo assim que as crianças sentem diante das coisas novas, diante das descobertas que fazem, diante da beleza. Parece que são invadidas por uma espécie de “excesso de emoção” e o que pedem aos adultos é um pouco de “ajuda para olhar”: companhia, apoio, palavras.

Lembro-me bem da expressão de deslumbramento de Maria quando viu sua amiga Lourdes entrar vestida de princesa. Não conseguia falar. Olhava para ela e para mim, sucessivamente, durante alguns momentos em que lhe faltaram as palavras.

Podíamos vê-la “perpassada” pelos sentimentos. Finalmente, conseguiu dizer: “Ah, como você está linda!”.

Também me vem a imagem de Ayrton, quando viu tirarem uma jibóia de uma cesta bem ao seu lado na classe vizinha. Ele é apaixonado pelos animais e sabe bastante sobre eles, mas ficou impressionadíssimo ao contemplar de perto – e viva! – aquela jibóia que até agora só tinha visto nos livros.

E ainda me recordo da explicação dada por Caetano à turma ao nos relatar o casamento de sua tia:

– Não pude levar as alianças, porque me deu uma “uforia” muito grande.

– E o que é isso? – perguntamos a ele.

– Não sei se era raiva, fúria ou vergonha.

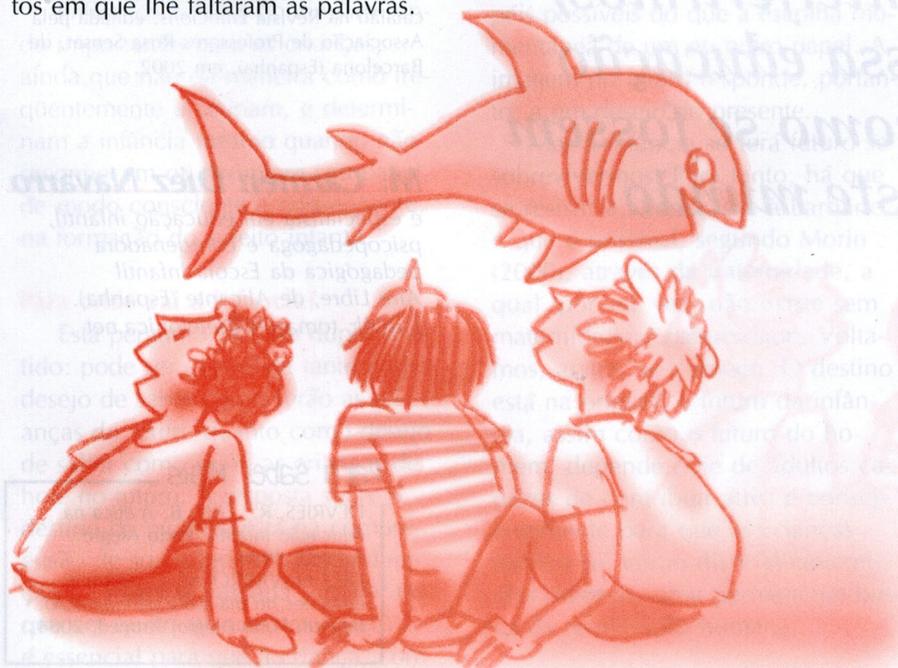
A frase “Ajude-me a olhar” me traz muitos outros olhares, de entusiasmo misturado com estranhamento, de desamparo, de uma estranha impotência que reclama a ajuda de outro para suportar uma emoção transbordante: Nina, ao ouvir a música Danúbio Azul, Manuel ao enfiar as mãos na farinha, Irene ao contemplar a mistura de cores que tinha fabricado, Isabel ao montar uma torre mais alta do que ela própria... e Célia, Olga, Daniel, Alberto,

Mariana e muitos outros...

São tantos os momentos! O que me tem ocorrido ultimamente é que o inverso também “funciona”. Nós, adultos (nós, professores), necessitamos – e muito – que as crianças nos auxiliem a olhar suas coisas para, assim, poder entendê-las. Seus jogos, suas palavras, suas hipóteses, seus sentimentos, suas atitudes têm um porquê e têm um como. Têm regularidades e têm sobressaltos. Têm um sentido em cada situação e em cada criança. E é tão difícil captar o que se passa, que estar à escuta, observar e pedir-lhes ajuda para olhar não seria nada descabido.

Digo isso porque, recentemente, fixei-me nos pauzinhos que as crianças traziam cuidadosamente do pátio. Eram grandes, médios, pequenos, grossos, finos, ramificados, lisos... Não sabíamos mais aonde colocá-los, pois todos os “recipientes” eram pequenos, e então lhes perguntei: “Mas o que há com os pauzinhos, para que servem? Por que estão pegando-os e por que cada um gosta de um tipo diferente?”. Aprendi muitíssimo com suas respostas.

Laura “precisava deles para sua casa”. Alli, conforme nos explicou, montava casas e zoológicos, e os paus serviam de “muros e paredes”. Andréa tinha uma coleção. Lúcia empregava-os para fazer comidas e, por isso, pegava os pequenos. Manuel usava-os como espadas e, por isso, pegava os grandes. Para Javi e Tono, serviam de pistolas. Cláudia não sabia para que ia querê-los, mas gostava deles. Ana pegava-os para fazer varinhas mágicas. Sofia para fazer “pauzinhos de mandar, como as rainhas”. Alba H. para fazer-se cócegas com eles e, por isso, pegava os que tinham uma ponta fina. Alba L. para usá-los como chicotes. Alberto “para fazer um ninho em seu terraço onde dava para pôr um pássaro”. Branca “para brincar em seu sótão”. Olga “para colocar um fio e fazer uma vara de pescar”. Ayrton “para guiar seus oito cachorros”. Luz, Lourdes e Sara “para brincar”. Maria B. e Dani faziam “formas bonitas” para saltá-las, as quais nos demons-



traram em um segundo. Maria M. e Maria D. “para fazer desenhos na areia do pátio”. Freddy procurava os “que tinham a letra Y”, porque é uma das letras do seu nome...

Foi assim que me ajudaram a olhar para eles através dos pauzinhos. É como se me abrissem uma porta. Como se me explicassem seus motivos, seus gostos, suas necessidades, sua curiosidade plena de ludismo e de prazer. Em outras palavras, era o seguinte: eu os ajudo a olhar para aquilo que eles ainda não alcançam, proporciono-lhes as fontes do saber, aproximo-os da cultura através de minha própria aproximação dela e eles me ajudam a colocar-me à sua altura, a saber entendê-los, a apurar mais a escuta.

Como gostaria de fazer dessa atitude um bom costume e de incorporá-la inteiramente! Creio que desse modo a escola seria um melhor lugar de encontro para se poder aprender. Contudo, não é simples mudar de posição, estar alerta e atento para captar o saber das crianças, suas ferramentas, seus ritmos, seus interesses, sua cultura.

Há alguns anos, ouvi Tonucci falar dos espaços. Do modo tão diferente como o adulto e a criança os percebem, das dimensões e da

cercania desses lugares que a criança assume como próprios, de que tanto necessita e que quase nunca coincidem com os grandes parques cheios de pequenos jardins domesticados e de balanços – ou similares – repetidos até enjoar.

Falava desses pequenos lugares, meio inverossímeis, onde as crianças entram para brincar, para estar sozinhas, para esconder-se e assustar os pais, para testar se cabe sua mão, sua cabeça ou o corpo inteiro. E assim, enquanto o ouvia, fui surpreendida pela recordação do portal de minha avó. Fresco, escurinho, discreto, de onde se podia ver e ouvir tudo o que se passava na casa e em um trecho da rua...

Então, possivelmente por sua vibração ao falar e também pela alegria de recuperar do inconsciente aquela recordação que havia perdido, concluí que os espaços pequenos eram os mais adequados para as crianças pequenas. Porém, como já me ocorreu outras vezes, foram elas que me ajudaram a ampliar meus pontos de vista. Na minha turma, este ano, fala-se de maneira recorrente da Colômbia e do Peru (espaços um tanto quanto distantes, como se pode ver), porque Lourdes e Freddy nasceram lá.

Um dia, Andréa trouxe “o mundo de todas as terras”, um bonito globo terrestre, no qual procuramos esses e outros países de nosso interesse: África, onde nasceram os pais de Ayrton; Ibiza, de onde vieram algumas professoras que visitaram a escola; as Ilhas Maldivas, onde Ernesto foi ver tubarões; Alicante, de onde vem a maioria de nós. E percebi que há outros espaços que também interessam às crianças, embora não estejam tão próximos, nem sejam tão pequenos. É como o da sala e do quarto. Espaços públicos e privados. Espaços para ficar em casa e para sair. Espaços de campo e de cidade. Espaços de dentro e de fora. Espaços de antes e de agora. E até espaços siderais. Todos são valiosos nesta aventura de aprender.

O que é preciso é não interferirmos, esgrimindo nossa educação e nossa cultura como se fossem as únicas deste mundo. O que é preciso é não antepor ferrolhos, proibições nem medos à curiosidade sem limite das crianças. O que é preciso é abrir portas e janelas para que a brisa circule livremente, para que aprender seja tão prazeroso quanto uma boa aventura.

Nota

Este artigo foi originalmente publicado em catalão na Revista *Emocions*, editada pela Associação de Professores Rosa Sensat, de Barcelona (Espanha), em 2002.

M. Carmen Díez Navarro

é especialista em educação infantil, psicopedagoga e coordenadora pedagógica da Escola Infantil Aire Libre, de Alicante (Espanha).
E-mail: tomasetti@telefonica.net

Para Saber Mais

DEVRIES, R.; ZAN, B. *A ética na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
DÍEZ NAVARRO, M. C. *Afetos e emoções no dia-a-dia da educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

*É preciso não interferirmos,
esgrimindo nossa educação
e nossa cultura como se fossem
as únicas deste mundo*

